

Francisco FAUS, *São Josemaria no Brasil. Esboços do perfil de um santo*, São Paulo, Quadrante, 2007, 102 pp.

No «Esclarecimento prévio», Francisco Faus explica-nos a razão de ser do livro: a evocação da estadia de S. Josemaria no Brasil (de 22 de Maio a 7 de Junho de 1974), como expressão do seu agradecimento ao Fundador, no cinquentenário da presença do Opus Dei nesse grande país.

Tendo convivido de perto com S. Josemaria em Roma durante dois anos, e participado, como sacerdote, no desenvolvimento do Opus Dei no Brasil desde há 46 anos, qualquer testemunho seu é de inegável valor histórico. Poder-se-ia esperar do autor, portanto, obra de maior fôlego; no entanto, quis centrar o seu contributo comemorativo apenas na estadia do Fundador em 1974, sem dúvida o acontecimento mais importante deste primeiro meio século da Obra no Brasil.

Não pretendeu, porém, fazer sequer a crónica das duas semanas em que S. Josemaria permaneceu nesse país, mas apenas desenhar alguns «esboços do perfil de um santo». Convém termos isso em conta para apreciarmos o opúsculo na sua justa dimensão. «Na realidade – esclarece – a obra foi escrita com um intuito muito definido: pôr em destaque *alguns traços característicos da santidade cristã*, que são patentes na vida inteira de mons. Escrivá» (pág. 6). Isto é, também não procurou fazer um perfil geral de S. Josemaria; quis oferecer simplesmente aos leitores cinco lições fundamentais da sua vida: a humildade, o amor a Deus, a devoção a Maria e aos santos, a caridade, o zelo apostólico. E tudo isso, a partir do que viu e lhe ouviu naqueles dias memoráveis, embora recorrendo alguma vez à memória de episódios passados.

Todos os títulos e subtítulos do seu esquema são muito sugestivos. Logo o do primeiro capítulo – «Senhor, não pensei em mim mesmo...!» – vai ao cerne da mais profunda humildade, que é o esquecimento próprio. Corresponde a uma frase que muitas vezes, ao fim do dia, na hora do exame de consciência, lhe saía espontaneamente do coração. Era tal o seu diálogo com Deus, tão intenso o seu dia de trabalho e tão atento estava a aqueles com quem tratava, que chegava à noite sem um instante de atenção a si mesmo. De facto, também no Brasil o autor teve ocasião de testemunhar o total esquecimento próprio de S. Josemaria, a começar pelo da sua penosa condição física: para os médicos que estudavam as suas análises clínicas era incompreensível a sua extraordinária laboriosidade e vivacidade. Mas o que mais releva Francisco Faus são os constantes pormenores de delicadeza e de carinho para com os que o rodeavam. Tal como era em público, assim era na intimidade familiar.

No segundo capítulo – «Senhor, procuro o teu rosto!» – faz-nos ver até que ponto o amor a Deus o engolfava, num crescendo cada vez mais patente, e apaixonadamente centrado na Eucaristia. Com as lembranças guardadas dos anos cinquenta, de Roma, o autor apercebeu-se em 1974 do crescimento quase «assustador» desse amor em S. Josemaria: com «os pés bem assentes em terra», sem perder a atenção a nada, a sua «sede de Deus, do Deus vivo» manifestava-se sobretudo em jaculatórias ardentes, mais ciciadas do que ditas, quando se julgava sozinho, mas que, aliás, não procurava ocultar. O pensamento do Céu, a contemplação do mistério da Santíssima Trindade, a devoção ao Espírito Santo, foram outros tantos dos temas que surgiram na sua conversa nessa altura. E para a Sagrada Eucaristia foram as suas mais comoventes recomendações.

No terceiro – «A Jesus, por Maria, com José» – mostra-nos como esse amor era por ele vivido em união íntima com a Sagrada Família, procurando, naquela época, fazê-lo especialmente através de S. José, a quem sempre muito amou, mas «redescobrimo» dia a dia a grandeza das suas virtudes e da sua excelsa missão. Já no capítulo anterior Francisco Faus regista o seu empenho em «sentir» a presença inefável de Maria e de S. José na Santa Missa, mas espraia-se neste em nos mostrar como S. Josemaria tirava partido dos quadros e imagens que se lhe apresentavam, e como se esforçava por «vê-lo» em todos os mistérios do Rosário.

«Caridade, alegria, paz» é o tema do quarto capítulo. Por meio de múltiplos pormenores da sua convivência familiar, o autor exemplifica abundantemente o ambiente de carinho que criava ao seu redor, quer com os seus filhos espirituais, quer com toda a gente, mas especialmente com os pais dos membros da Obra.

Os breves episódios que narra talvez pareçam quase insignificantes; não há, porém, outro meio de exemplificar o caminho de santificação através das «coisas pequenas», nas situações mais comuns da vida, o que constitui ponto nuclear da sua mensagem espiritual.

A própria normalidade e simplicidade dos seus gestos e palavras convencem-nos de que a perfeição da caridade não necessita de atitudes espectaculares. Um sorriso, um aparte bem humorado, um interesse carinhoso – de que estava cheio o seu dia a dia – testemunham como ele foi coerente com o que ensinava, e como, por esse caminho humano e divino, atingiu a plena união com Cristo, derramando continuamente alegria e paz ao seu redor.

E, por fim, o apostolado: «Um vulcão de amor», expressivo título da última parte. Era, de facto, impressionante o ânimo apostólico gerado pelas suas palavras de fogo, que representaram para o Brasil (como, aliás, por onde quer que passasse) um impulso enorme para a expansão do Opus Dei. «No Brasil, e a partir do Brasil», foi o apelo que deixou bem gravado na alma dos seus filhos brasileiros, abrindo-lhes horizontes de urgência evangelizadora, não só no seu imenso país, mas no mundo inteiro.

Outro exemplo, bellissimo, desse estímulo apostólico foi a «benção patriarcal», com que se despediu do Brasil. A espontaneidade com que lhe saiu dos lábios ainda a torna mais empolgante. Francisco Faus descreve muito bem o que se passou: a ter-

túlia familiar do Fundador com um grupo de membros da Obra decorrera com a boa disposição de sempre, e chegou a hora de acabar. «Terminou a tertúlia, e o Padre ia saindo da sala, quando alguém lhe pediu que, como costumava, nos desse a bênção. Deteve-se. Ajoelhamo-nos e, quando esperávamos ouvir uma das fórmulas habituais de bênção, ficamos retendo o alento, porque escutamos palavras inesperadas:

– “Que vos multipliqueis:  
 como as areias das vossas praias,  
 como as árvores das vossas montanhas  
 como as flores dos vossos campos,  
 como os grãos aromáticos do vosso café.

Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”» (pág. 98).

O esquema do livro desenvolve-se, portanto, com muita felicidade: do mais «baixo» – a humildade – ao mais «alto» – a evangelização universal. Da maior profundidade às alturas «vulcânicas». E termina com a resposta correcta ao apelo paternal de S. Josemaria: «Dilatasti cor meum», do salmo 118, palavras que ficaram tecidas num tapete alusivo à estadia do Fundador no Brasil.

«Dilataste o meu coração» exprime, de facto, o fruto da pregação de S. Josemaria, que, não só enchia a alma de luz evangélica, como abria horizontes interiores e apostólicos surpreendentes a quem o escutava. Como homem «que sabia amar», não receava nunca amar «demais», e ensinava a perder esse natural «temor», ditado pelo egoísmo, mesmo à custa de sofrimento. «Dilatava», efectivamente, o coração dos ouvintes, fazendo-lhes compreender que todo o amor verdadeiro pode e deve ser um amor sem medida.

O pequeno volume é enriquecido com fotografias históricas dessa estadia do Fundador do Opus Dei no Brasil: a fotografia da chegada; três da peregrinação a Nossa Senhora da Aparecida; várias dos encontros tidos nessa altura; a de uma imagem da Sagrada Família que lhe suscitou devotos comentários; outras de carácter familiar com membros da Obra; e as do tapete alusivo a esses dias, de um autógrafo seu com a «bênção patriarcal», e do selo comemorativo do seu centenário.

É de esperar que em futuras edições melhore a qualidade dessas ilustrações fotográficas, assim como a ampliação do próprio texto, dada a importância histórica da presença de S. Josemaria no Brasil.

Hugo de Azevedo